



*ARQUEOLOGIAS
E SEUS CONTEXTOS*



www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2020 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana M. S. Bettencourt, Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de História, Universidade do Minho

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores.

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	05
O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO	
Ana Rosa	15
ARQUEOLOGIA NO ENGENHO DO MURUTUCU: UM SÍTIO HISTÓRICO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Diogo Menezes Costa	30
LE SAVOIR LOCAL AMAZIGH: LA TRANSMISSION À L'ÉPREUVE	
Fatima Ez-zahra Benkhallouq, Wahiba Moubchir, Farid El Wahidi	59
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PORTO DO TOPO. CONTRIBUTO PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA ILHA DE SÃO JORGE	
João Gonçalves Araújo, João Moniz, José Luís Neto, Pedro Parreira	81
LA ESTACIÓN RUPESTRE DE HUAYLLANQORI, PROVINCIA DE ANTABAMBA (APURÍMAC, PERÚ)	
Raúl Carreño-Collatupa	118
GRAVURA RUPESTRE DO CORUTO (ESCARIZ, AROUCA): ESTUDO, SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	
Paulo A. Pinho Lemos, Ana M. S. Bettencourt, João Ralha	139
A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS – BRASIL	
Átila Perillo Filho	173
ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	
Márcio Mota Pereira	222
TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS NA LUSITÂNIA	
José d'Encarnação	249

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ESPÓLIO OSTEOLÓGICO PROVENIENTE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO PÁTIO SUL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PÓPULO, CALDAS DA RAINHA (LEIRIA)

Daniel Alves, Augusto Ferreira, Cláudio Monteiro, Alexandra Figueiredo, Ricardo Lopes 274

CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714. ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Luís Neto, Patrícia Trindade Coelho 298

UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS

Clara Diana Figueirôa Santos, Henry Sócrates Lavalle Sullasi 327

**A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO
JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO
HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS
GERAIS – BRASIL**

**THE LONG – TERM LANDSCAPE OF THE HIGH VALLEY OF
JEQUITINHONHA – THE HUMAN OCCUPATION TRACKS OF THE
MIDDLE HOLOCENE IN THE SOUTHERN ESPINHAÇO MOUNTAIN
RANGE, MINAS GERAIS – BRAZIL**

Recebido a 09 de abril de 2020
Revisto a 18 de maio de 2020
Aceite a 29 de junho 2020

Átila Perillo Filho

Doutorando do Programa de Pós-graduação em História
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Faculdade de Ciências Humanas
Departamento de História
atilaperillo@gmail.com

Resumo

No Alto Vale do Jequitinhonha, na serra do Espinhaço meridional, encontram-se três sítios arqueológicos, todos em abrigos sob rocha quartzíticas, apresentando representações culturais em suas pinturas rupestres e remanescentes líticos. Estes sítios são uma pequena parcela de tantos outros sítios arqueológicos evidenciados na região centro-norte de Minas Gerais, Brasil. Em todos eles obtiveram-se datações relativas a uma ocupação humana durante o Holoceno médio, algo recente para a arqueologia regional. As datações que asseguram a presença humana no período do médio Holoceno confrontam a discussão de que ocorreu um hiato populacional nesta região durante tal período. Desta forma ao analisarmos os dados dos sítios arqueológicos descritos neste artigo podemos observar que a região apresenta uma ocupação de Longa Duração da paisagem que remete deste à transição do Pleistoceno para o Holoceno até tempos menos recuados, com datações indicando a produção artefactual lítica sendo realizada durante os últimos dois centenários. O número de sítios já identificados associado com a densidade de cultura material presente nos mesmos (em grande parte são materiais líticos e pinturas rupestres, podendo haver também enterros e a presença de sementes, porém nos últimos exemplos isso ocorre em baixa quantidade) aponta para que o Espinhaço Meridional seja caracterizado como um lugar de ocupação persistente.

Palavras-chave: Sítios Arqueológicos; Longa Duração; Paisagens.

Abstract

In the Alto Vale do Jequitinhonha, in the southern Espinhaço mountain range, there are four archaeological sites, all in shelters under quartzitic rock, presenting cultural

representations in their cave paintings and lithic remnants. These sites are a small portion of so many other archaeological sites found in the central-northern region of Minas Gerais, Brazil. In three of these sites, dates have been obtained regarding human occupation during the Middle Holocene, something new until then for regional archeology, while the fourth site testifies to an occupation that occurred during the late Holocene. The dates that ensure human presence in the middle Holocene period confront the discussion that there was a population gap in this region during that period. In this way, when analyzing data from the archaeological sites described in this article, we can observe that the region has a Long-Term occupation of the landscape that refers to the transition from the Pleistocene to the Holocene until less backward times, indicating a production of lithic artifacts being carried out in the last two hundred years. The number of sites already identified associated with the density of material culture present in them (largely lithic materials and rock paintings. There may also be burials and presence of seeds, but in the last examples this happens in low quantity) points to the Southern Espinhaço being characterized as a place of persistent occupation.

Keywords: Archaeological Sites; Long Duration; Landscapes.

1. Introdução

Nós existimos e a partir disso interagimos, nos relacionamos e fazemo-nos presentes no mundo. Toda a relação humana transcorre com a paisagem e acontece de acordo com sua capacidade de identificar e se relacionar às silhuetas dos canais, vales,

serras, planaltos e toda a sorte de morfologia que a paisagem incorpora. A partir da identificação nós refletimos, colocamos mãos, impressões, medos, plantamos florestas, criamos materialidades. Porém, antes de agir ou interagir com o meio, nós existimos.

Nossa vida acontece no curso do caminho, através das mudanças de direções, (re) interpretações, relações, encontros e desencontros que o saber fazer, o pensar e o se relacionar ocorrem. Como Tim Ingold (2019, p. 7) diz: *“como os caminhos se fazem ao andar, devemos continuamente improvisar modos de vida conforme avançamos, abrindo novas trilhas mesmo quando seguimos os rastros de nossos predecessores”*. É no caminho que a vida nasce, cresce e floresce, pelo caminho que o mundo e a paisagem acontecem e as vivências humanas transformam o inerte em história.

Para Ingold (2002, p. 196) o pensamento de Merleu-Ponty (1964 *Apud* Ingold, 2002, p. 196), é base para o entendimento de que o mundo adquire significado a partir das experiências humanas. Caminhando deixamos impressões de nós no mundo, gravadas na matéria que intercala devaneios e vontades, momentos de expressão temporal e etérea. Assim, na paisagem deixamos sinais de nosso tempo e maneiras de enxergar, é como comunicarmos uns com os outros e com o meio vivido. Para Gaston Bachelard (1994, p. 88) *“a paisagem do poeta é um estado d’alma, a paisagem do gravador é um caráter, um ímpeto da vontade, uma ação impaciente por agir no mundo”*, ou seja, na paisagem nós nos formamos.

A paisagem é trabalhada como objeto científico e tema de pensamento refletivo há alguns séculos, tendo recebido diversos significados no decorrer de sua história. Para Heródoto e Estrabão *“a paisagem foi alocada no âmbito do lugar da contemplação”* (Linke, 2008, p. 13) que mesmo em termos contemplativos tomava parte de uma

necessidade ao entendimento do mundo conhecido. Durante o Renascentismo, a paisagem abrangia uma concepção estética, tendo surgido no século XV sob o nome de *landskip*, se configuraria na representação da natureza abrangendo tudo aquilo que a vista alcança. No século XIX ela passa a configurar uma estrutura científica, saindo do contemplativo filosófico e poético para o produto sintetizado da geografia, onde Alexander Von Humboldt defendia sua necessidade descrição (Galhardo, 2019, p. 25).

A segunda metade do século XIX traz o homem para a geografia através da *Antropogeografia* de Friedrich Ratzel que vinha fortemente influenciada pelo determinismo e evolucionismo vigente à época, assim, o homem habitava um território e não uma paisagem. O termo território vem atrelado as relações de trabalho e desenvolvimento que cabia ao pensamento evolucionista do momento, Ratzel ainda defende que o território poderia ser visto como comparativo de evolução de uma sociedade, “a perda de território seria a prova de decadência da mesma. Enquanto que o progresso implicaria na necessidade de aumentar e expandir seu território” (Linke, 2008, p. 14).

No mesmo período em que as teorias de Ratzel sobre território eram difundidas, o francês Vidal de La Blache apresentava um pensamento que divergia do alemão, defendendo que o homem ocupava desde tempos antigos diferentes pontos do planeta e que justamente por estar presente em variados lugares desenvolveu técnicas, métodos, hábitos e costumes que permitiram seu desenvolvimento através da utilização dos recursos disponíveis, a este conjunto de conhecimento La Blache nomeou “gênero de vida” (Linke, 2008, p. 15).

A geografia Vidaliana se preocupava e pretendia entender agrupamentos humanos e não sociedades, discutindo e pesquisando as técnicas e instrumentos não se atendo a produção de recursos, assim ele “admitiu que o homem sofre sim influência do meio, que tudo é uma questão de contingência” (Linke, 2008, p. 15). Isso significa que a relação humana coma paisagem ocorre de maneira funcional, não sendo a paisagem determinadora e tampouco o humano passivo, esse jogo de relações imperativas discordava do determinismo geográfico de Ratzel atentando para que o meio não determinava as relações, mas sim recebia uma troca, possibilitando uma relação direta entre humano e a paisagem, pensamento este fundamental para o possibilismo defendido por La Blache (Linke, 2008, p. 15).

O início do século XXI traz novas concepções acerca do entendimento de paisagem, uma delas é a de Michel Collot (2012, p. 13) que a trata como um fenômeno, sendo, portanto, resultante da experiência momentânea, não agindo como agente ativo tampouco como agente passivo separado à humanidade. A paisagem então existe no momento da percepção, sendo construída a partir do intermédio existente entre um sistema simbólico, através do sujeito e definindo-se no mundo (Greco, 2019, p. 22).

Neste artigo, trabalho com um enfoque que entende a paisagem como dinâmica, produto das relações humanas em seu ambiente, ela ultrapassa o mero sentido fisiográfico e visual sendo entendida como uma construção que concretiza no tempo o humano através da materialidade ou imaterialidade (Ingold, 1993, p. 158, 2002, ppp. 1-465; Santos-Granero, 2005, p. 185, Fagundes et al., 2019, p.14, Galhardo, 2019, p. 39).

Trato de três sítios arqueológicos identificados na Serra do Espinhaço Meridional, Alto Vale do Jequitinhonha, em uma área arqueológica denominada Serra

Negra, os sítios Três Fronteiras 7, Sampaio e Cabeças 04. Todos eles apresentam datas que atestam a ocupação humana durante o Holoceno Médio, algo incomum para a região. Autores tem tratado esta falta de evidências para a ocupação do Brasil Central como um Hiato, onde durante o Holoceno médio os grupos teriam buscado outras regiões que apresentavam melhores condições climáticas para ocuparem (Araujo et al., 2003, p. 2, 2005, pp. 299-300). Porém a identificação de sítios arqueológicos apresentando datações entre 7.255 e 4.445 antes do presente (A.P.) associada as informações paleoambientais (Hórak-Terra, 2015, p. 121-125, Chueng, 2018, pp. 2268-2269) indicam que no Alto Jequitinhonha o clima não sofreu com a recorrente seca, indicando que ao menos nesta região, este deslocamento populacional parece não ter ocorrido.

Os três sítios em pauta estão localizados no alto vale do rio Araçuaí (Bacia Federal do Jequitinhonha), em uma área que, apesar de implantada no bioma do cerrado, apresenta um mosaico vegetacional que atualmente conta com diferentes feições fitogeográficas, desde o cerrado *stricto sensu*, perpassando pelos campos rupestres, campo limpo, matas secas e florestas estacionais semidecíduas (Fagundes, 2013, p. 87, Leite, 2016, pp. 65-72).

2. O Hiato do Holoceno (ou Hiato do Arcaico) e a cronologia de ocupação humana na Serra Porção Meridional da Serra do Espinhaço

O Planalto Central Brasileiro vem sendo sistematicamente estudado pela arqueologia nacional e um dos pontos discutidos durante os trabalhos seria o hiato populacional ocorrido durante o Holoceno Médio devido a um longo período de

estiagem e queda da humidade. Esta modificação climática resultou em um abandono populacional na região e afetou, especialmente, as ocupações em abrigos (Araujo et al., 2003, p. 1, 2005, pp. 299-300; Araujo, 2005/2006, p. 8).

Ao pesquisar a região do Carste de Lagoa Santa, Araújo (et al., 2005) observou que durante todo o período do Holoceno Médio o clima na região mineira fora consideravelmente mais seco. Estes dados paleoambientais em comparação com a existência de lacunas temporais de ocupação e indícios de um decréscimo populacional fez com que fosse levantada a hipótese de que esta modificação climática resultou em um esvaziamento populacional na região. Para a Serra do Espinhaço Meridional as pesquisas estão sendo desenvolvidas e apontam para uma caracterização climática diferente (Vasconcelos et al., 2018, p. 45).

“Os dados até então produzidos para o Planalto Diamantinense e para Serra Negra (na borda Leste da Serra do Espinhaço Meridional) indicam que ocorreram instabilidades climáticas durante o Holoceno variando entre clima frio-quente e úmido-seco. Contudo, para o Holoceno Médio, na maioria dos casos, observou-se um período mais estável com clima quente e úmido, sobretudo entre 7000 e 4000 anos AP.”

(Vasconcelos et al., 2018, p. 45).

Assim, a estrutura climática regional pode ter sido diferente daquela vista para o Carste de Lagoa Santa, oferecendo um clima menos hostil. Pesquisas paleoambientais estão sendo desenvolvidas na região e a compreensão de como fora o clima no passado pode oferecer importantes dados para pesquisas arqueológicas, bem como perguntas. Os resultados das pesquisas desenvolvidas na turfeira Pau-de-Fruta em Diamantina e uma outra turfeira no Distrito de Pinheiro, também Diamantina mostram que o clima durante

o Holoceno Médio na Serra do Espinhaço Meridional variara entre úmido e quente e seco e quente, a tabela 1 ilustra os dados obtidos por Hórak-terra (2014, p. 32, p. 68) e Hórak-Terra (et al., 2015, p. 130).

Tabela 1

Dados paleoclimáticos da região de Diamantina. Fonte: Hórak-terra (2014) e Hórak-Terra (et al., 2015).

Dados Obtidos na Turfeira do Distrito Pinheiro		
Época	Tipo de Clima	Anos
Transição Pleistoceno/Holoceno até Holoceno Médio	Muito úmido e muito frio	14.400 até 6.600 AP.
Holoceno Médio	Seco e quente	6.600 até 3.300 AP.
Holoceno Superior	Quente e seco para Subúmido	3.300 até o presente
Dados Obtidos na Turfeira Pau-de-Fruta		
Transição Pleistoceno/Holoceno e Holoceno Inicial	Frio e muito úmido	10.000 até 7.360 AP.
Holoceno Médio	Úmido e quente	7.360 até 4.200 AP.
Holoceno Médio e Holoceno Tardio	Seco e quente	4.200 até 2.200 AP.
Holoceno Tardio	Seco com períodos de resfriamento	2.200 até 1.160 AP.
Holoceno Tardio	Subúmido ameno	1.100 AP até o presente.

Outro ponto relevante para a discussão da presença ou não deste Hiato na região da Serra do Espinhaço era a falta de datações em sítios arqueológicos indicando a presença humana na região durante o Holoceno Médio. Sítios com ocupação referente à Transição do Pleistoceno para o Holoceno Inicial são conhecidos regionalmente através dos trabalhos do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (Isnardis, 2009, p. 280, 2013, pp. 54-67).

Sítios Arqueológicos como a Lapa do Caboclo, a Lapa da Chica e a Lapa do Peixe Gordo, ambos instalados em afloramentos rochosos quartzíticos no município de Diamantina, apresentam datações de aproximadamente 10.500 AP. (Isnardis, 2009, p. 49; Solari et al., 2012, p. 131). As estruturas de combustão que geraram as datas

referentes à Transição do Pleistoceno e Holoceno Inicial (provenientes da Lapa do Peixe Gordo e do Caboclo) eram pequenas, não ultrapassando 50cm de diâmetro. Estando também associadas à blocos rochosos e materiais faunísticos (Isnardis, 2009, pp. 81-84).

Os materiais líticos identificados na Lapa do Caboclo e do Peixe Gordo apresentam indícios do uso de retoques e da *façonagem*, cujos suportes eram em geral plaquetas de quartzito homogêneo e com boa resposta ao lascamento. Atividades que resultarem em materiais “com perfil curvo e porção proximal delgada, atestando a produção de artefatos refinados” (Isnardis, 2009, p. 85).

A matéria prima secundária, em sítios como a Lapa do Caboclo e do Peixe Gordo, foi o quartzo. Mesmo não sendo a matéria principal de trabalho para o lascamento sua presença não é, como dito por Isnardis (2009, p. 85) inexpressiva. Foram trabalhados também a partir da *façonagem* e apresentam indícios de retoques. De acordo com Isnardis (2009, pp. 85-86), na Lapa do Caboclo uma das intenções da utilização do quartzo foi a produção de artefatos bifaciais delgados enquanto que no Peixe Gordo a presença de pequenas lascas levanta a suposição de que o suporte preferencial tenham sido pequenos cristais de quartzo.

Para o Holoceno Superior, as datações foram obtidas em diferentes sítios arqueológicos estudados tanto pelo Setor de Arqueologia da UFMG quanto pelo Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Dentre os sítios para os quais dispõem-se datações para este período estão: Itanguá 02, Mendes II (Perillo Filho, 2016, p. 78, Fagundes & Perillo Filho, 2018, p. 6), Lapa do Caboclo, Lapa da Chica e Lapa do Macaco (Isnardis, 2009, p. 87, 2013, pp. 54-67).

As datações realizadas na Lapa do Caboclo resultaram em uma ocupação recente de 680 ± 50 e 1220 ± 40 A.P. Os materiais datados estavam em associação a cinco estruturas funerárias e depósitos vegetais. O carvão datado da Lapa da Chica indicou uma ocupação recente ocorrendo em 2730 ± 40 . O material datado fora retirado nos primeiros cinco centímetros do pacote sedimentar do sítio.

A Lapa do Caboclo abriga uma densidade de exploração de quartzo superior à de quartzito, onde processos como a *façonagem* e a *debitagem* podem ser observadas nos materiais. O universo cultural do sítio em questão abriga lascas de adelgaçamento, retoque, instrumentos retocados uni e bifacialmente, um grande conjunto de lascas de pequeno porte e, de acordo com Isnardis (2009, p. 90) a utilização do lascamento unipolar é quase total nos materiais líticos.

Os materiais lascados em quartzo na Lapa da Chica aparecem em formas de lasca de *debitagem*, alguns exemplares, inclusive, sendo obtidos através da exploração de seixos, característica incomum para Diamantina. O quartzito aparece em colorações cinza e avermelhada e em forma de lascas de *debitagem* e instrumentos sob plaquetas. A matéria-prima explorada neste sítio é, em comparação com a Lapa do Caboclo, mais diversificada, não apresentando um material em maior quantidade de uso que o outro. Este sítio ainda apresenta uma grande densidade de materiais líticos, o que sugere que uma intensa atividade de lascamento ocorria localmente (Isnardis, 2009, p. 142).

Isnardis (2009) afirma que em alguns sítios por ele estudado, o material lítico possui uma notável semelhança com materiais líticos mais antigos do Brasil Central, os plano-convexos da Tradição Itaparica. Para o autor as semelhanças formais e tecnológicas são expressivas, traduzindo-se na estruturação dos bordos e gumes, e a

escolha da *façonagem* como técnica de lascamento para modificação de volume e tamanho, sendo posteriormente seguidas para as atividades de retoques (Isnardis, 2009, p. 220).

A diferença, ainda de acordo com o autor, está concentrada na escolha do suporte para produção artefactual, em Diamantina há uma clara predileção para a utilização das plaquetas enquanto que os materiais do Brasil Central optarem por lascas.

Outro sítio arqueológico que forneceu datações para o Holoceno Superior é o Itanguá 02. É um abrigo rochoso que para fins de interpretação fora subdividido arbitrariamente em três compartimentos distintos (central, leste e oeste), onde em todos os compartimentos foram identificadas presenças de painéis rupestres. O compartimento central foi alvo de escavações que resultaram em um pacote sedimentar muito pequeno com profundidade máxima de 25cm, onde apresenta maior profundidade, e 5cm na área de menor profundidade (Perillo Filho, 2016, p. 58, Fagundes & Perillo Filho, 2018, p. 6).

As escavações identificaram um expressivo acervo cultural lítico, 6000 peças localizadas tanto em superfície quanto em subsuperfície, além de outros vestígios associados a ocupação humana, tais como: vasilhame cerâmico recente (identificado no compartimento leste); um artefato em madeira fossilizada, e 10 painéis rupestres (Fagundes & Perillo Filho, 2018, p. 3).

O abrigo central, que foi escavado, mede 4,5m de profundidade por 6,5m de largura na porção frontal. Outras áreas abrigadas que são formadoras deste afloramento na parte de trás e no centro apresentam dois vãos que subdividem os compartimentos. O compartimento leste é formado por um abrigo que mede 5,40m de profundidade por 6m

de largura contendo dois painéis rupestres e no compartimento oeste, o abrigo mede 4,5m de profundidade por 5m de largura e temos mais dois painéis (Perillo Filho, 2016, p. 58, Leite, 2016, p. 113), (Figura 1).

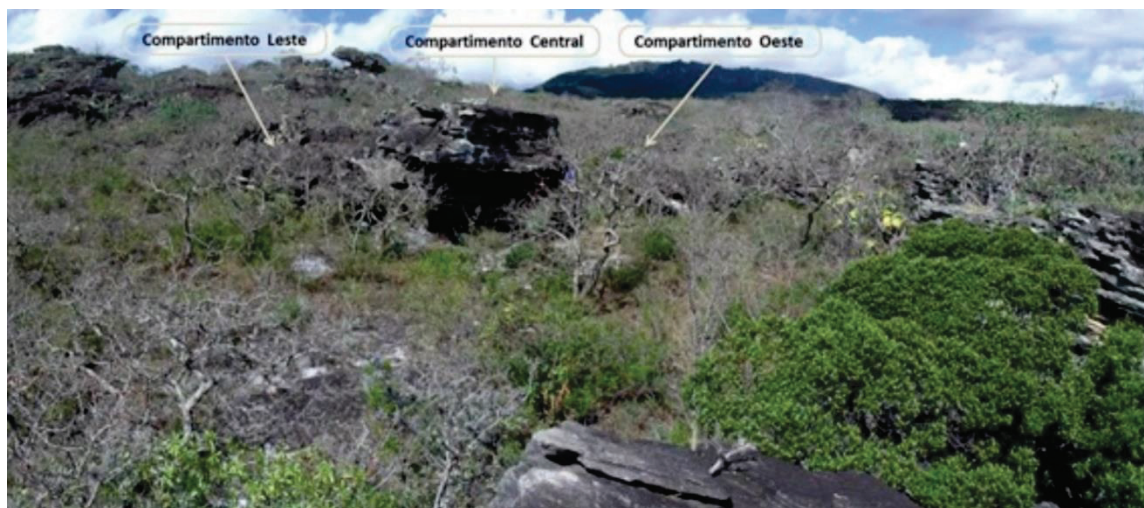


Figura 1. Vista dos três compartimentos do sítio arqueológico Itanguá II. Fonte: Átila Perillo Filho (2016)

As escavações no sítio arqueológico, realizadas através de níveis artificiais e em quadrículas de 1m² denominadas através de um sistema alfanumérico, identificaram uma grande densidade de materiais lascados em toda a extensão do pacote sedimentar e duas camadas culturais, vale ressaltar que a maior concentração e materiais líticos está na camada 02.

1. “A primeira camada (camada 01), formada por um antropossolo de coloração escura pouca compactada e arenosa, com espessura variante entre 02 e 10cm é marcada por uma baixa densidade artefactual” (Perillo Filho, 2016, p. 62).

2. A segunda camada (camada 02), com profundidade de 10 a 25cm, apresentou uma maior densidade de materiais arqueológicos e o sedimento presente nesta

porção do pacote sedimentar é fruto da decomposição da rocha quartzítica resultando em uma coloração clara (Perillo Filho, 2016, p. 62).

Na primeira camada do pacote sedimentar do sítio foi identificada uma estrutura de combustão cujos materiais foram levados para datação C^{14} , o resultado foi uma cronologia que atesta a ocupação desta camada do sítio em pelo menos 680 ± 110 anos A.P. (CENA/USP), dado que indica que as atividades humanas no Itanguá 02 podem ter ocorrido em tempos mais recuados, porém como não foram identificados remanescentes orgânicos na segunda camada, as datações estão relacionadas apenas aos últimos momentos de ocupação do sítio.

A matéria-prima mais explorada no sítio foi o quartzo hialino (presente em 75% dos materiais), outras matérias-primas como o sílex, que está presente em diferentes tonalidades como o caramelo e o vermelho, o quartzito e o arenito silicificado também são presentes (Perillo Filho, 2016, p. 80). No sítio lascas (de debitage, *façonagem* e retoque), núcleos e instrumentos. A debitage unipolar configura como sendo a forma mais presente de exploração do material rochoso, isso se dá devido à alta qualidade do quartzo identificado no sítio, que por bem responder as atividades de lascamento permite uma melhor manipulação do mesmo (Perillo Filho, 2016, p. 80, Fagundes & Perillo Filho, 201, p. 8).

Outro sítio arqueológico que apresenta datações para o Holoceno Superior é o Mendes II, localizado no município de Diamantina. As duas datações obtidas neste sítio, a primeira para o nível 15 e a segunda para o nível 18, mostram uma ocupação local por volta de 220 ± 20 e 330 ± 85 . A.P. Os materiais líticos identificados no sítio em questão são produtos da exploração do quartzo e do quartzito. Os materiais elaborados em

quartzito são planos-convexos e raspadores, todos produzidos através da exploração de plaquetas e lascas. O quartzo figura na presença de pequenos raspadores, pontas de projétil, núcleos e percutores (Fagundes, 2013, p. 74).

Como dito anteriormente, datações ligadas ao Holoceno Médio eram, até meados de 2014, inexistentes para a região da Serra do Espinhaço Meridional. Até o momento para a região as datações eram antigas ou recentes, os trabalhos realizados no Sítio Arqueológico Cabeças 4 foram os primeiros a indicarem, com apresentação de datações, a existência de sítios arqueológicos ocupados no Holoceno Médio para a região (Fagundes, 2015, pp. 1-36).

Posteriormente outros dois sítios arqueológicos, o Três Fronteiras 7 e o Sampaio, também forneceram datações para o Holoceno médio. Estes três sítios arqueológicos mostram uma ocupação sistemática dos abrigos rochosos em que estão instalados, com variados pacotes sedimentares e estruturas de combustão associadas à material lítico em que datas em questão foram obtidas (Fagundes, 2016, p. 6, Silva, 2017, p. 22, Vasconcelos et al., 2018, p. 47). A tabela 2 apresenta as datações separadas por períodos cronológicos em sítios arqueológicos na região da Serra do Espinhaço, mais especificamente em aproximação do município de Diamantina.

Tabela 2

Datações de Sítios Arqueológicos do Alto Jequitinhonha. Fonte: Vasconcelos (et al., 2018), Fagundes (2015, 2016); Isnardis (2009, 2013, 2017); Alves (2016).

Holoceno Tardio							
Sítio	Município	Laboratório	Material Datado	Técnica	Localização	Data	Calibragem
Caboclo	Diamantina	BETA 199502	Carvão	-	Camada 02	10560±40	-
Caboclo	Diamantina	BETA 233764	Carvão	-	Camada 02	10380±60	-
Peixe Gordo	Diamantina	BETA 233762	Carvão	-	Camada 03	10210±60	-
Lapa da Onça	Diamantina	CEN 1180	Carvão	-	Camada 03	8530±120	-
Lapa da Chica	Diamantina	BETA 524271	-	-	-	8760±50	-
Holoceno Médio							
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 379290	Carvão	C ¹⁴	Qd. F30, Camada 05, nível 16.	6290±30	7255 a 7170
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 379290	Carvão	C ¹⁴	Qd. F30, camada 05, nível 14, sedimento no interior claro com bordas alaranjadas e líticos associados	6170±40	7160 a 7100
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 370289	Carvão	C ¹⁴	Qd. E30, camada 04, nível 18, mancha escura com material lítico associado	5270±40	6168 a 6150
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 370291	Carvão	C ¹⁴	Qd. E30, camada 03, nível 13, mancha escura com material lítico associado	4010±40	4520 a 4420

Sampaio		BETA 471280	Carvão	C ¹⁴	Nível 09, camada de ocupação 03. Material associado à lítico.	4280±30	4866 a 4799
Três Fronteiras 7		BETA471281	Carvão	C ¹⁴	Camada de ocupação 02, associada a	4100±30	4643 a 4424
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 379289	Carvão	C ¹⁴	Quadrícula E30, nível 09, camada 03.	3980±30	4445 a 4420

Holoceno Superior							
Lapa da Chica	Diamantina	BETA 254270	Carvão	-	-	2730±40	
Lapa do Taião	Diamantina	CEN 1183	Carvão	C ¹⁴	Camada 02	2370±80	-
Cabeças 1	Felício dos Santos	BETA 379288	-	-	-	1960±30	1190 a 1865
Cabeças 3	Felício dos Santos	BETA 400565	-	-	-	940±30	-
Lapa do Macaco	Felício dos Santos	BETA 379292	Carvão	AMS	Qd. N3, nível 08, camada 03.	1970±30	-
Lapa do Caboclo	Diamantina	BETA 199503	Estrutura de depósitos vegetais	-	Camada 01	1220±40	-
Lapa da Onça	Diamantina	BETA 370293	Carvão	C ¹⁴	Estrutura 2, Qd. K21, camada 03	790±30	-
Matão 01	Felício dos Santos	-	-	C ¹⁴	-	980 ± 30	922 a 788 AP.
Matão 01	Felício dos Santos	-	-	C ¹⁴	-	1240 ± 30	1024 a 986 AP.
Matão 01	Felício dos Santos	-	-	C ¹⁴	-	1270 ± 30	1990 a 1965 AP.
Itanguá 2	Senador Modestino Gonçalves	CEN 1172 (AMOSTRA 01)	Carvão em estrutura de combustão	C ¹⁴	Camada 01 (10 cm prof.), centro da estrutura.	680 ± 110	-
Lapa do Caboclo	Diamantina	BETA 199504	Sepultamento (estojo de casca de árvore)	-	Camada 01	680±50	

Itanguá 2	Senador Modestino Gonçalves	CEN 1181	Carvão – fora da estrutura de combustão	C ¹⁴	Camada 01 (10 cm prof.)	660 ± 85	798 a 497 AP.
Itanguá 2	Senador Modestino Gonçalves	CEN 1173	Carvão mancha Escura	C ¹⁴	Camada 01 (10 cm prof.)	630 ± 30	-
Matão 01	Felício dos Santos	-	-	LOE	-	550 ± 50	-
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 379291	Carvão, mancha escura	C ¹⁴	Qd. E30, nível 4, camada 01	480 ± 30	530 a 510
Matão 01	Felício dos Santos	-	-	LOE	-	400 ± 50	-
Mendes 2	Diamantina	CEN 1182	Carvão, estrutura de combustão	C ¹⁴	Camada 01, nível 18	330 ± 85	-
Itanguá 2	Senador Modestino Gonçalves	BETA 310324	Carvão/sedimento, mancha cinza	AMS	Camada 01 (05 cm prof.)	270 ± 20	-
Lapa do Macaco	Felício dos Santos	BETA 379288	Carvão, estrutura de combustão	AMS	Quadrícula K2, Nível 05, Camada 01	230 ± 30	-
Mendes 2	Diamantina	UG AMS#10586	Carvão, mancha escura	AMS	Camada 01, nível 15	220 ± 20	-
Cabeças 1	Felício dos Santos	BETA 379288	-	-	-	230±30	280 a 255
Itanguá 2	Senador Modestino Gonçalves	DAT3289	Sedimento mancha escura	LOE	Camada 01	120 ± 20	-
Cabeças 4	Felício dos Santos	BETA 370292	Sedimento mancha escura	C ¹⁴	Camada 01	60 ± 30	-

Por mais que tratemos de maneira mais descritiva os três sítios arqueológicos em questão no capítulo que se segue, a obtenção das datas referentes ao Holoceno Médio nestes sítios, indica que a paisagem da Serra do Espinhaço Meridional pode não ter sofrido com um escoamento populacional neste período. Levando em consideração que

ainda existam sítios a serem identificados na região, que apresenta um alto potencial arqueológico outros sítios com datações semelhantes ainda podem ser identificados.

2.1. Uma Área, Diferentes Complexos Arqueológicos

A Serra do Espinhaço Meridional está em uma área de divisa de três bacias hidrográficas, a do Jequitinhonha, do Doce e do São Francisco. Sua fitofisionomia favoreceu o estabelecimento de diferentes ecossistemas em sua extensão, sendo o cerrado o bioma mais abrangente da região. É neste local que figuram os sítios arqueológicos aqui pesquisados. Fagundes (2020, p. 15) ressalta que a área apresenta uma grande potencialidade arqueológica, haja visto que já foram identificados mais de 300 sítios na referida serra, e que esse número pode ainda ser consideravelmente, haja visto que pouca parcela do território fora prospectada.

Os três sítios arqueológicos trabalhados neste artigo compõem uma série de sítios que estão localizadas em uma área arqueológica denominada de Serra Negra. As feições da paisagem de Serra Negra são caracterizadas pela intensa presença de abrigos sob rocha quartzítica, muitos destes inclusive com presença de arte rupestre. Geologicamente a região oferece aporte a instalação de sítios arqueológicos na forma de abrigos, e também oferece matéria-prima para elaboração artefactual. No segundo caso Serra Negra se diferencia da região do Planalto Diamantinense pela pouca utilização do quartzito na produção artefactual (Fagundes, 2020, p. 6).

Sua geomorfologia é “marcada pela presença de morros do tipo meia laranja” (Fagundes, 2020, p. 20), Figura 2, estrutura semelhante daquela identificada nas regiões dos mares de morros de Minas Gerais, sendo formados por dezenas de serras. O clima é mesotérmico e marcado por verões brandos e úmidos intercalados de invernos frescos e secos apresentando uma temperatura anual média de 18° (Fagundes, 2020, p. 10).

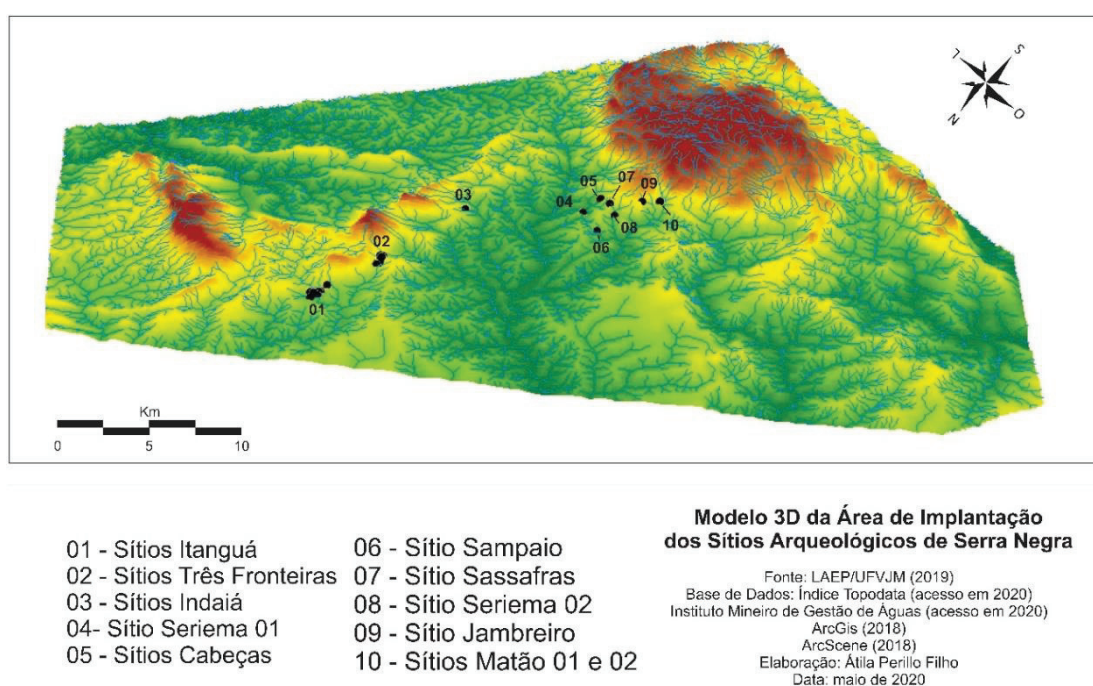


Figura 2. Modelo tridimensional da área de implantação dos sítios arqueológicos em Serra Negra. Fonte: Autor.

No que tange ao fator arqueológico, a Área de Serra Negra é formada por três Complexos Arqueológicos, o Complexo Campo das Flores, o Complexo Serra do Ambrósio e o Complexo Felício dos Santos. Onde os sítios estão implantados em áreas de abrigos sob rocha numa cota altimétrica que varia de 800m a 1200m, tendo a fisionomia da paisagem intercalada entre campos rupestres, florestas semidecíduas e cerrados (Fagundes, 2013, p. 84).

O significado de Complexo Arqueológico é, como proposto por Schalanger (apud Fagundes, 2013, p. 68), associado à uma assembleia de sítios arqueológicos que carregam entre si semelhanças em seus sistemas de implantação e repertório cultural, a somatória de vários Complexos Arqueológicos formaria uma Área Arqueológica “que, além de compartilhar características semelhantes, possui indicadores de uma rede de trânsito entre grupo (ou mesmo grupo) que divide um determinado território” (Fagundes, 2013, p. 68).

Todos os sítios arqueológicos aqui descritos são componentes do que Fagundes (2013, p. 74) denominou de Complexo Arqueológico Felício dos Santos. A tabela 3 apresenta de forma descritiva os sítios componentes da Área Arqueológica em questão, bem como suas características de implantação.

Tabela 3
Complexos Arqueológicos Pertencentes à Área Arqueológica de Serra Negra. Fonte: Fagundes (2013).

Complexo	Localização	Nº de sítios	Hidrografia	Cobertura vegetal	Implantação
Campo das Flores	Borda norte da serra dos dois irmãos, implantado em média vertente.	21	Ribeirão Itanguá	Campo rupestre	Abrigos sob rocha
Felício dos Santos	Borda da Serra. Os sítios estão em média e alta vertente.	38	Tributários do rio Araçuaí	Cerrado e floresta estacional semidecidual	Abrigos sob rocha
Serra do Ambrósio	Área de contraforte. Sítios instalados em topo de serra	6	Nascentes das bacias do Doce e do Jequitinhonha	Floresta estacional semidecidual	Abrigos sob rocha

2.2. Sítio Arqueológico Três Fronteiras 7

O conjunto de sítios arqueológicos Três Fronteiras, ver tabela 4 e figuras 3 e 4, está inserido em áreas do Orógeno Araçuaí, em uma área de fronteira entre os municípios Senador Modestino Gonçalves, Felício dos Santos e Itamarandiba. Todos os sítios arqueológicos, um total de 16, estão localizados em abrigos rochosos de fina a média granulometria e coloração clara (branco) e espalhados em uma área de 561m². A paisagem local apresenta características intercaladas entre campos e formações rupestres, apresentando um solo pouco profundo e resultante da decomposição rochosa local (*neossolo lítico quartzarênico*). Três Fronteiras está localizado em áreas de influência das microbacias dos córregos Lambari Dourado e Água Quente, onde ao longo de seus cursos é possível ainda ver florestas estacionais semidecíduais (matas de galeria) (Fagundes, 2016, p. 8, Vasconcelos et al., 2018, p. 15).

Tabela 4

Sítios Arqueológicos Componentes do Complexo Arqueológico Três Fronteiras. Fonte: Fagundes (2016); Fagundes (et al., 2018); Vasconcelos (et al., 2018).

Sítio	Tipo	Superfície do Abrigo	Município	Cultura Material	Implantação (Vertente)
Três Fronteiras 01	Abrigo Sob Rocha	Rochosa	Felício dos Santos	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 02	Abrigo Sob Rocha	Rochosa	Felício dos Santos	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 03	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Felício dos Santos	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 04	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Felício dos Santos Felício dos Santos	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 05	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar		Rupestre	Alta
Três Fronteiras 06	Abrigo Sob Rocha	Rochoso e sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Baixa
Três Fronteiras 07	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Lítico, rupestre e carvão.	Baixa
Três Fronteiras 08	Abrigo Sob Rocha	Rochoso e sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Baixa
Três Fronteiras 09	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Baixa
Três Fronteiras 10	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Baixa
Três Fronteiras 11	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Baixa
Três Fronteiras 12	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Baixa
Três Fronteiras 13	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 14	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 15	Abrigo Sob Rocha	Rochoso	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Alta
Três Fronteiras 16	Abrigo Sob Rocha	Sedimentar	Senador Modestino Gonçalves	Rupestre	Alta

O sítio de número 07 apresenta está inserido em um abrigo formado pelo abatimento de blocos de grande porte criando uma área abrigada total de 80m² com dimensões de 8,5m de comprimento, 6,20m de largura e altura de 2,75. Possui entradas nas quatro direções cardeais e em comparação aos demais sítios de Três Fronteiras possui acesso fácil estando distante 130m do córrego Lambari Dourado (Vasconcelos et al., 2018, p. 32), (Figuras 3 e 4).

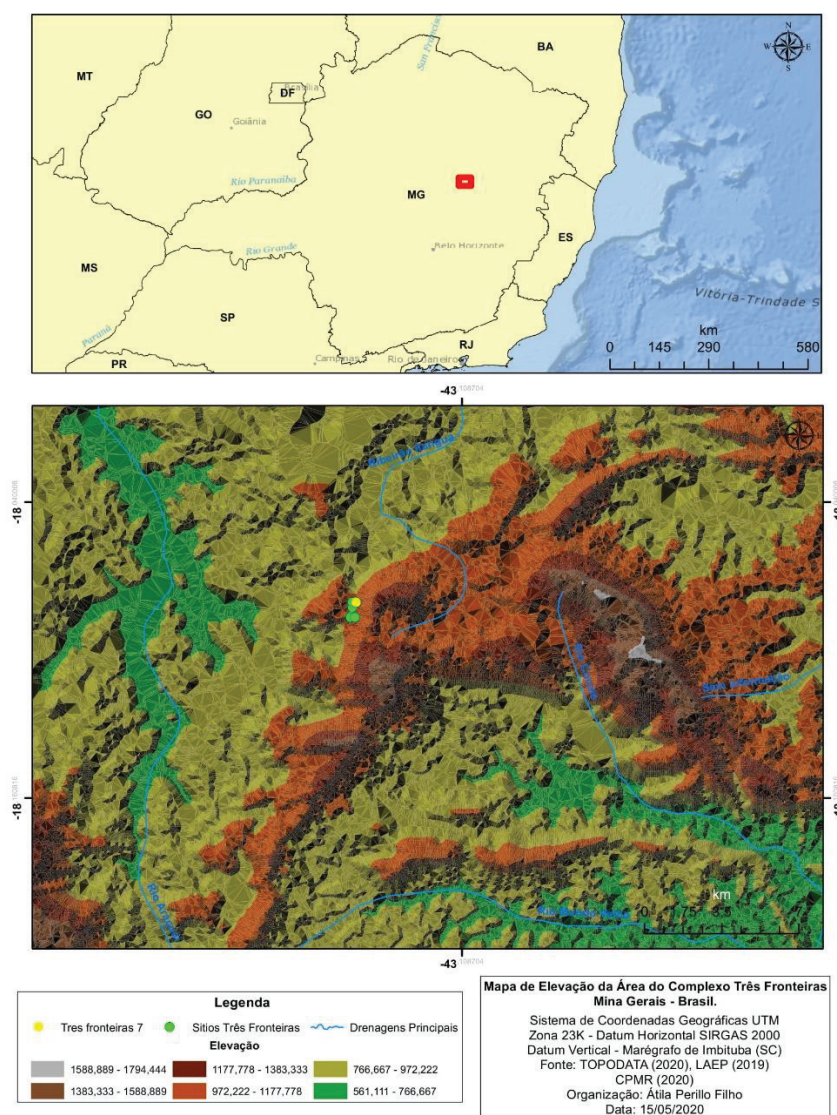


Figura 3. Mapa de localização do Complexo Arqueológico Três Fronteiras. Fonte: Autor



Figura 4. Vista aérea da área de implantação do Complexo Arqueológico Trés Fronteiras. Fonte: Marcelo Fagundes (et al., 2018).

A parte que sofreu com intervenções fora a parte central do sítio arqueológico, que fora quadriculada em sentido norte-sul, inicialmente a partir da elaboração de uma trincheira de 3m de comprimento. O nome das quadrículas componentes desta trincheira fora feito de maneira alfanumérica sendo estes, J10, J11 e J12, este último sendo o ponto 0 da escavação. As intervenções no pacote sedimentar do sítio arqueológico ocorreram a partir da realização de decapagens naturais buscando seguir a topografia natural do terreno, bem como os processos formativos do solo. O primeiro momento de escavações identificou materiais líticos em grande quantidade (cujas matéria-prima mais representativa fora o quartzo) (Vasconcelos et al., 2018, p. 35).

Neste momento ainda se identificou na quadrícula J10 (no nível 07) uma estrutura de combustão e na quadrícula J12 (no nível 06) uma mancha escura, porém a quantidade de materiais para datação fora insuficiente. A falta de materiais para datação e a grande quantidade de materiais líticos foram motivos para a realização de uma ampliação das áreas escavadas. Deste modo uma trincheira de 2m em sentido ao setor

leste do sítio fora aberta (quadrículas I11 e I12), sendo realizada também uma quadrícula próximo a parede formativa do abrigo, denominada de H12. Assim a escavação identifica, nas seis quadrículas realizadas, três camadas distintas, resultando em um total de 4157 materiais líticos, ver figura 5 (Vasconcelos et al., 2018, p. 38).

Camada 01: a primeira camada é composta pela superfície escavada e os níveis 02 e 03. Na quadrícula J10 ela é profunda e caracterizada pela presença de materiais orgânicos e alta densidade de raízes. O sedimento apresenta uma coloração cinza (variando entre o mais claro ao mais escuro), ainda é possível observar lentes de areia no setor norte da escavação. A superfície apresenta baixa compactação sedimentar, que aumenta de acordo com a profundidade. Foram identificados poucos materiais líticos, majoritariamente em quartzo, porém há presença de sílex e quartzito (Vasconcelos et al., 2018, p. 38).

Camada 02: a segunda camada se inicia na transição dos níveis 03 e 04 e finaliza entre os níveis 06 e 07. O pacote sedimentar é majoritariamente arenoso apresentando uma coloração que varia entre o cinza claro e o branco. Nesta camada foram identificadas quatro estruturas de combustão, o material datado da quarta estrutura gerou uma datação de 4100 ± 30 A.P. O material lítico está presente em grande quantidade e densidade, onde o quartzo é o material mais presente (em forma de lascas brutas). Nesta camada os materiais elaborados em sílex são mais significativos que a anterior. A presença do quartzito é pequena e ocorrem majoritariamente em forma de percutores. Esta camada é, inclusive, a que mais densidade de material lítico apresenta (Vasconcelos et al, 2018, p. 38).

Camada 03: a terceira camada se inicia entre os níveis 06 e 07 e continua até a rocha base do solo. O sedimento é mais compactado que os anteriores e apresenta uma coloração marrom claro. Esta camada é a que menos apresenta densidade de líticos que mais próximos à base rochosa são inexistentes (Vasconcelos et al., 2018, p. 39).

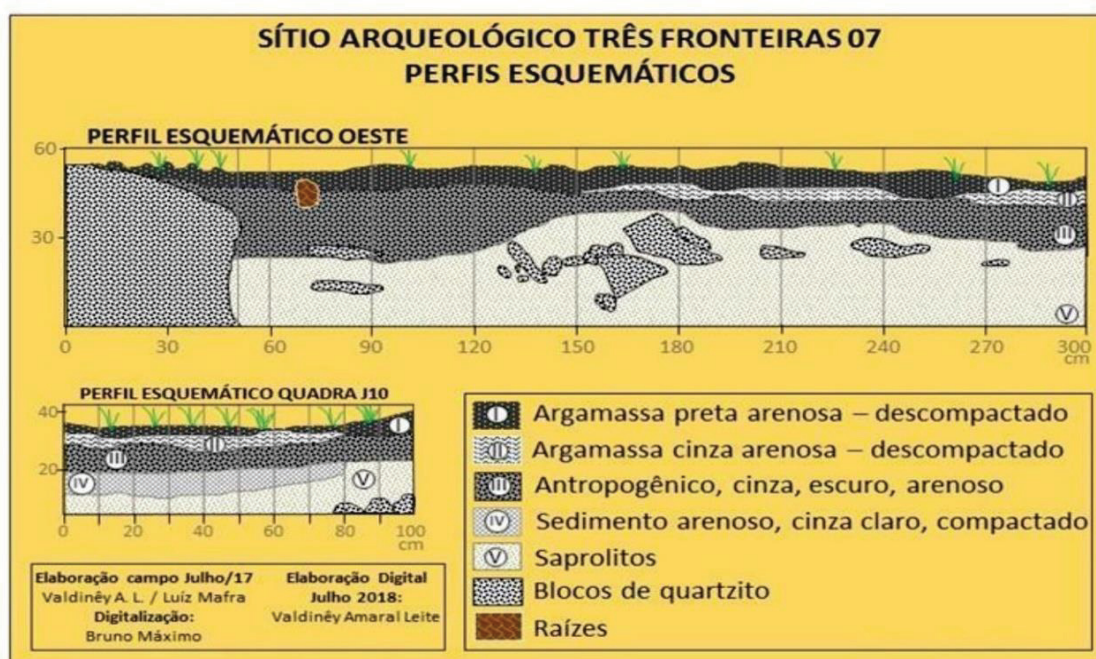


Figura 5. Perfil esquemático do Sítio Três Fronteiras 07. Fonte: Alessandra Mendes Carvalho Vasconcelos (2018, p. 40).

2.3. Sítio Arqueológico Cabeças 04

Implantado em um abrigo de rocha quartzítica na escarpa da serra e sob um gradiente vegetacional de floresta semidecidual no município de Felício dos Santos, porção nordeste da serra do Jambreiro, Minas Gerais, está o sítio Cabeças 04. Apresenta uma área escavada que sofreu intervenções em uma porção de 3m² que ocorreram em novembro de 2013. Em média as escavações atingiram 70cm de profundidade, característica distinta dos demais sítios da Serra do Espinhaço Meridional, essa

realidade também foi identificada durante as intervenções realizadas em outro sítio aqui descrito, o Três Fronteiras 7 (Silva, 2017, p. 21, Fagundes, 2016, p. 12) (Figuras 6 e 7).

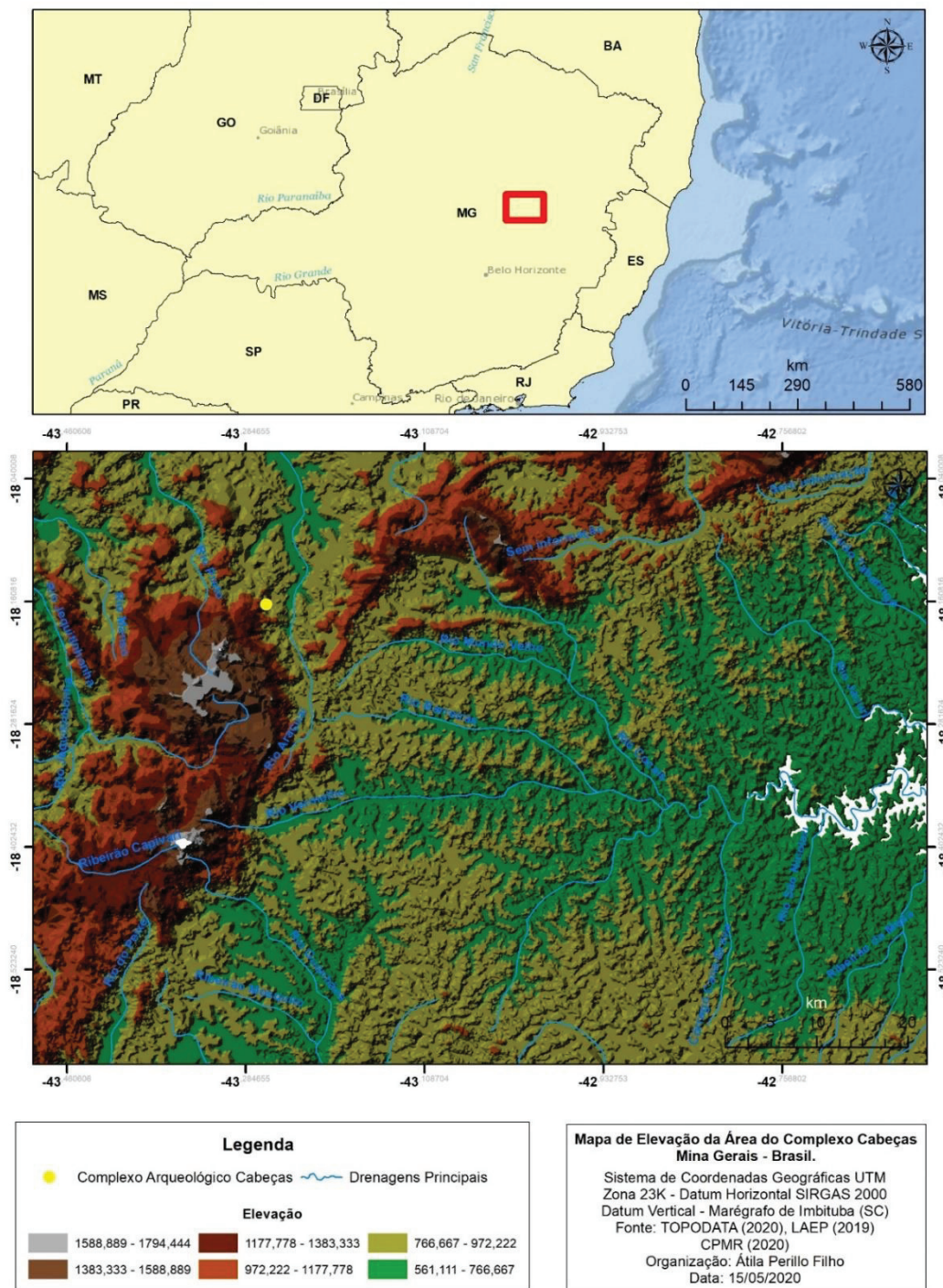


Figura 6. Mapa de Localização do Complexo Arqueológico Cabeças 04. Fonte: Autor.



Figura 7. Sítio Arqueológico Cabeças 04, detalhe para as pinturas rupestres de peixes em vermelho e para a área de escavação. Fonte: Autor.

Durante as escavações, realizadas por meio de decapagens de níveis naturais, foram identificados 19 níveis de ocupação subdivididos em cinco camadas que compõem dois horizontes culturais. Do horizonte ceramista, até o nível 10, foram retirados cacos cerâmicos e materiais líticos lascados, que em sua grande maioria foram produzidos pela exploração do quartzo hialino, além de uma lâmina de machado polida (Fagundes et al., 2014, p. 101, Fagundes, 2016b, pp. 12-13). A variante entre níveis de ocupação identificados aqui está ligada diretamente na predisposição à escolha da matéria-prima, a presença de quartzito como matéria de exploração é apenas visível nos níveis relacionados unicamente aos caçadores-coletores (Fagundes et al., 2014, p. 102, Silva, 2017, p. 22). Os dados obtidos apontam para cinco camadas de ocupação que compõem dois horizontes culturais, sendo estes. Ver também figura 8 para observar o desenho de perfil do sítio em questão.

2.3.1. Uma primeira camada de ocupação associada diretamente aos níveis mais superficiais da escavação. Esta camada não fora datada, porém apresenta um sedimento fino de coloração cinza clara com presença de poucos e pequenos materiais cerâmicos, e líticos elaborados em quartzo hialino (Silva, 2017, p. 121);

2.3.2. A segunda camada de ocupação foi identificada a partir da datação da estrutura de combustão 04. Em associação à estrutura foram identificados materiais líticos, poucas cerâmicas (também presente em fragmentos diminutos), materiais botânicos e malacológicos. Para esta camada foram realizadas análises de fitólitos que apontaram para a presença de milho (Silva, 2017, p. 121). A partir deste momento o sedimento identificado durante as escavações permanece semelhante até a base das quadrículas, sendo composto por material alaranjado, areno-argiloso de textura média e compactado, existe também a associação de cascalho em alguns pontos da camada (Silva, 2017, p. 122);

2.3.3. A terceira camada está diretamente ligada as ocupações do Holoceno Médio. As datações foram obtidas a partir de materiais identificados nas estruturas de combustão de n.5 e 6. Os materiais líticos são abundantes nesta camada e são compostos em sua maioria por materiais explorados em quartzo hialino, o quartzito, porém, faz-se presente em raspadores plano-convexos elaborados a partir da exploração de plaquetas (Silva, 2017, p. 122);

2.3.4. A quarta camada, também ligada ao Holoceno Médio, foi identificada a partir das análises dos materiais da estrutura de combustão 7 e associada a grande quantidade de materiais líticos (Silva, 2017, p. 122);

2.3.5. A quinta camada está ligada as estruturas de combustão 9 e 10, também associadas a grande densidade de material lítico (Silva, 2017, p. 122).

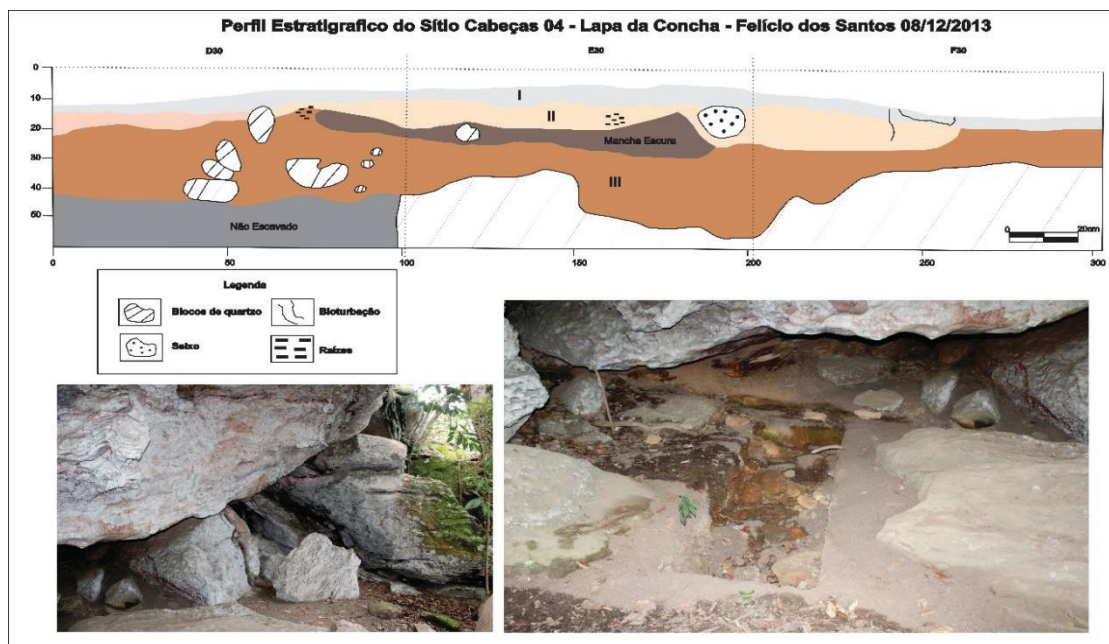


Figura 8. Perfil esquemático do sítio Cabeças 04, detalhe para a área de escavação. Fonte: Imagem adaptada de Lidiane Aparecida da Silva (2017).

Através de datações foram identificados três horizontes temporais distintos, sendo estes referentes a primeira ocupação com datações relativas à 6.280 ± 30 e 5.270 ± 40 A.P.; uma ocupação intermediária com datações de 4.010 ± 40 e 3.980 ± 30 A.P. e uma camada mais recente relacionada a grupos ceramistas com datação de 480 ± 30 A.P., ver tabela 5. Nas ocupações do Holoceno Médio foram resgatados um total de 1.607 materiais provenientes do lascamento do quartzo hialino, matéria-prima comumente utilizada pelos grupos pré-coloniais que ocuparam a região do Alto Jequitinhonha (Silva, 2017, p. 107, p. 131).

Tabela 5

Datações Obtidas no sítio Cabeças 04. Fonte: Fagundes (2016).

Estrutura	Quadrícula	Nível	Datação	Calibrada
01	D30	01-04	-	-
02	D30	06-08	-	-
03	D30	09-13	-	-
04	E30	04-05	480±30	530 a 550
05	E30	09-11	3980±30	4445 a 4420
06	E30	13-15	4010±40	4520 a 4420
07	E30	17-18	5270±40	6180 a 6150
08	F30	3-5	-	-
09	F30	13-15	6140±40	7160 a 7100
10	F30	16-18	6280±30	7255 a 7170

O sítio possui sete painéis cujos grafismos se apresentam majoritariamente monocromáticos em tons de vermelho, amarelo e preto, com uma temática variada representando peixes e cervídeos, marcadores tipicamente associados à Tradição Planalto (Gambassi Júnior, 2018, p. 60).

2.4. Sítio Arqueológico Sampaio

Inserido na bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha, sub-bacia do rio Araçuaí e micro-bacia do rio Sampaio o sítio está inserido em uma altitude média de 757m. Para acessar o sítio toma-se uma estrada vicinal por 8,5km a partir do centro de Felício dos Santos. O abrigo rochoso no qual o sítio está inserido está próximo ao leito atual da drenagem do rio supracitado, apresenta também uma morfologia caracterizada por “matacões runiformes”, com tetos e blocos abatidos, esfoliações do suporte rochoso e deslocamentos, características determinantes para a forma da rocha (Fagundes et al., 2017, p. 67).

Sobre a geologia e características rochosas Fagundes (et al., 2017, p. 67) ressalta que “as condicionantes geológicas e litológicas conferem alto grau de resistência à

erosão química (que se processa de forma mais lenta) sobre os quartzitos”, isso significa que os processos de deterioração mecânica da rocha são mais eficientes do que os demais (ao menos para a região onde o sítio Sampaio, ver figura 11, está localizado). Abaixo um mapa de localização indicando o sítio Sampaio, bem como o relevo local (Figura 9).

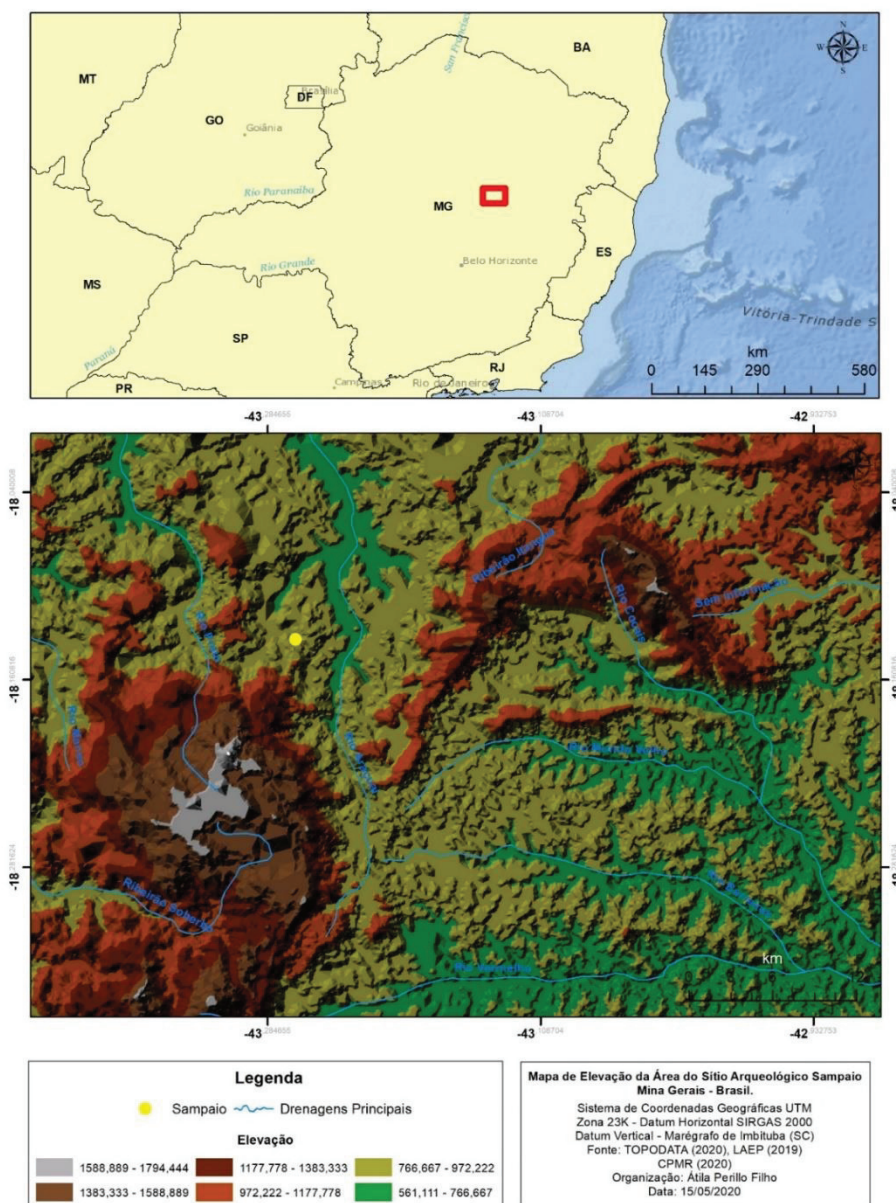


Figura 9. Mapa de Localização do Sítio Arqueológico Sampaio. Fonte: Autor.

Apesar de estar alocado em uma área de abrigo relativamente grande, o sítio apresentou pouca área aberta e apta à escavação, deste modo optou-se por realizar a intervenção subsuperficial através da elaboração de uma quadrícula de 1x1m denominada D30, como pode ser visto na figura 10 (Fagundes et al., 2018b, p. 757, Greco, 2017, p. 46).



Figura 10. Croqui do Sítio Arqueológico Sampaio. Fonte: Marcelo Fagundes (et al., 2017).

A realização da sondagem resultou na identificação de três camadas de ocupação subdivididos em 12 níveis com uma profundidade média de 45cm. O repertório cultural resgatado durante a campanha de escavação apresenta um total de 326 vestígios líticos, sendo o quartzo o material mais expressivamente neste universo cultural, porém aparecem também o quartzito, o sílex e a hematita como fontes secundárias de lascamento (Galvão, 2018, p. 11). Sobre as camadas de ocupação, estas podem ser descritas da seguinte maneira:

2.4.1. A primeira camada de ocupação abrange os níveis 1 ao 3. Foi nesta camada que se identificou a primeira estrutura de combustão cujo carvão para datação fora recolhido. O sedimento presente na mesma é marrom claro, de textura média e arenosa, com presença de radículas esparsas e poucos carvões fora da estrutura. A densidade de materiais líticos identificados aqui é baixa, em compensação existe uma grande presença de coquinhos carbonizados (Fagundes, 2020, p. 65);

2.4.2. A segunda camada compreende os níveis 3 ao 7 e também apresenta uma estrutura de combustão associada, também a coquinhos carbonizados. Neste momento a quantidade de materiais líticos aumenta de maneira considerável (Fagundes, 2020, p. 65);

2.4.3. A terceira e última camada inicia-se a partir do 8º nível e segue até a base da quadrícula. Também apresenta uma estrutura de combustão associada a materiais líticos. Tal estrutura forneceu materiais para datação que gerou a data de 4280 ± 30 A.P. (Fagundes, 2020, p. 65).



Figura 11. Sítio Arqueológico Sampaio. Fonte: Wellington Santos Greco (2017).

O conjunto rupestre do sítio mostra que existe uma predominância do uso da coloração vermelha na elaboração dos sete painéis rupestres identificados em Sampaio, o que não isenta a presença de grafismos de diferentes colorações, como o amarelo, por exemplo (Greco, 2017, p. 98, Fagundes et al., 2018b, p. 766). Os grafismos são resultantes da aplicação do *crayon* e pintura, dividindo ainda espaço com figuras elaboradas em um tempo mais recente através de atividades do picoteamento do suporte rochoso (Greco, 2017, p. 123, Fagundes et al., 2018b, p. 766).

3. Considerações Finais

Pensando em análises da paisagem e de sítios arqueológicos – com suas relações interiores e exteriores – o conceito de *Lugares (Place)*, por exemplo, assume alta relevância nas pesquisas arqueológicas, como visto em “*The Archaeology of Place*” (de Lewis R. Binford, 1982, pp. 5-31) onde o autor realça a necessidade de que durante a pesquisa arqueológica não se foque no sítio pelo sítio, isso resulta em uma análise da paisagem de maneira estrutural, onde deposição, pós-deposição e espacialização de sítios em uma determinada paisagem deve ser observado (Binford, 1982, p. 6, Fagundes, 2009, p. 307).

Os três sítios arqueológicos descritos acima, em associação ao contexto arqueológico da região do planalto diamantinense e os outros sítios arqueológicos de Serra Negra, têm fornecido dados (datações, tecnológicos, de implantação etc.) importantes a compreensão da ocupação humana antiga na borda do Espinhaço Meridional, agindo de maneira também a complementar o que já se sabe sobre a ocupação do Planalto Central brasileiro. As datações e os resultados preliminares das

indústrias líticas (Galvão, 2018, p. 5, Perillo Filho, 2016, p. 19, Fagundes & Perillo Filho, 2018, p. 4, Silva, 2017, p. 127, Fagundes, 2013) e pinturas rupestres (Greco, 2017, p. 85, 2019, p. 106, Leite, 2016, p. 102, Gambássi Júnior, 2018, p. 60, Isnardis, 2009, p. 93, Linke, 2008, p. 43, Linke et al., 2020, pp. 1-24; Alves, 2016, p. 39) indicam que a paisagem da Serra do Espinhaço Meridional fora um lugar de uso contínuo no centro norte mineiro.

As datações referentes ao Holoceno Médio das quais nos dispomos atualmente estão em direta associação (sendo geograficamente próximas a outros sítios arqueológicos ou terem sido obtidas em uma camada cultural diferente do mesmo sítio arqueológico) à outras datações associadas ao Holoceno Superior. A imagem 12 indica a localização onde temos sítios arqueológicos com datações do Holoceno Médio em comparação com o Holoceno Tardio, enquanto o gráfico 1 mostra a dispersão de datações identificadas em Serra Negra para os períodos do Holoceno Tardio, Médio e Inicial.

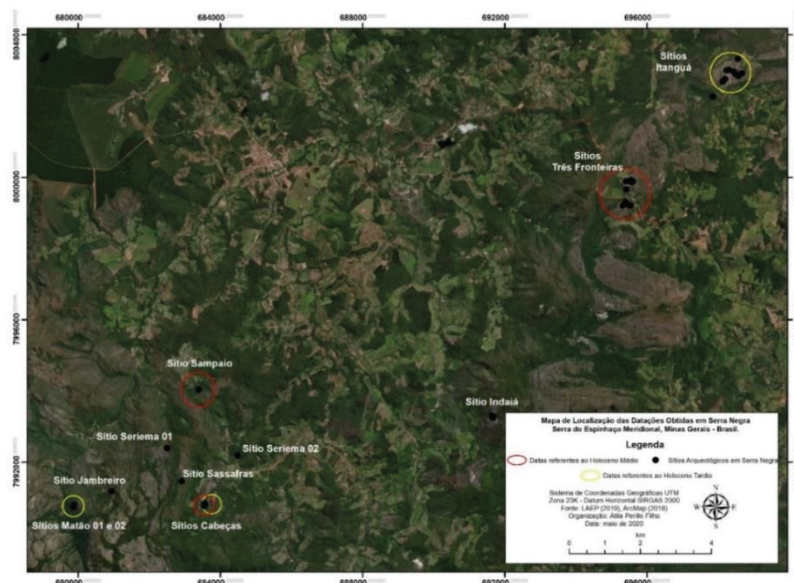


Figura 12. Mapa de distribuição e localização dos sítios arqueológicos onde datações do Holoceno Médio e Tardio foram obtidas. Fonte: Autor.

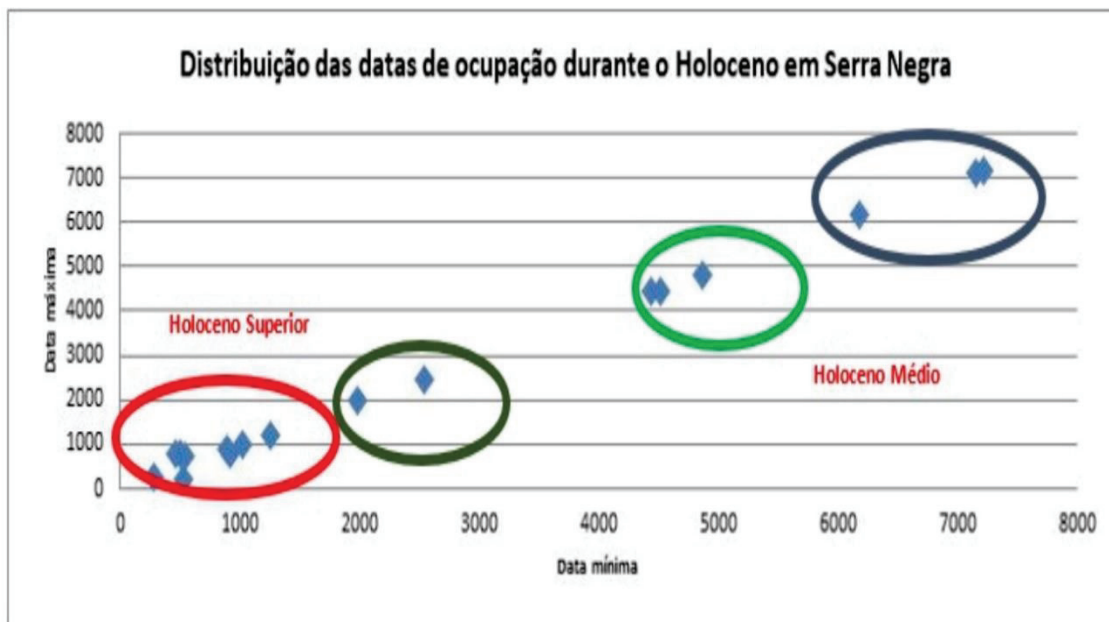


Gráfico 1. Distribuição das datas de ocupação durante o Holoceno em Serra Negra.
Fonte: Marcelo Fagundes (2020).

Os sítios arqueológicos datados, como descrito acima, apresentam um vasto acervo lítico, o que pode indicar um uso sistemático da paisagem e do sítio. Neste contexto que inclui uma sistemática utilização dos lugares, me baseio em Sarah Schalanger (1992) e Fagundes (2009), que trabalham com um termo derivado, ampliando o arcabouço para o entendimento de lugares sistematicamente ocupados ao decorrer do tempo, nestes *Lugares Persistentes* observa-se tanto locais onde existem concentrações de materiais arqueológicos (ou sítios propriamente ditos) quanto locais onde as feições da paisagem oferecem melhores condições à ocupação, por fim, o conceito de *Lugares Persistentes* trabalha com o todo da paisagem, não sendo a relação humana com a paisagem visível apenas através da materialidade artefactual de um sítio arqueológico (Schalanger, 1992 *Apud* Fagundes, 2009, p. 311).

Myrtle Shock e Claide Morais (2019, p. 278) aplicam o mesmo pensamento para discutir o uso das plantas frutíferas identificadas em *Lugares Persistentes* na Amazônia.

Para as autoras com o passar do tempo, das ações humanas – do uso, (re)uso do lugar – e das redes de deslocamentos, estes lugares adquiriram características como um arcabouço de memórias alimentados por ações e acontecimentos que tenderiam a influenciar em futuros momentos de ocupação. Para Cristina Barreto (et al., 2016) os principais motivos que podem caracterizar a região de Monte Alegre (PA) como um *Lugar Persistente* é a presença de serras areníticas que destoam com a “monotonia” paisagística local. O segundo motivo é relativo à abundância e diversidade de recursos presentes em Monte Alegre, resultantes da proximidade geográfica com biomas como o Cerrado, Floresta e campos de várzea.

Os sítios descritos neste trabalho fazem parte de uma rede de conexões, traços e indícios de uma história de longa duração do uso e ocupação do espaço por grupos humanos. Com um rico sistema cultural que atesta a ocupação humana no centro-norte em todos os períodos Holocênicos e também pela transição do Pleistoceno/Holoceno. Isso pode ser visto na presença de outros sítios arqueológicos em conexão com os estudados.

Estas sequenciais ocupações deixam na paisagem fragmentos impressos na estruturação física que a compõem, são sítios arqueológicos que contém informações sobre o dinamismo dos grupos que ocuparam determinado lugar. Estes podem ser distintos grupos, em períodos análogos ou não, ocorrendo de diferentes maneiras e criando assim um registro cultural diferenciado ou semelhante, portanto, as dinâmicas da relação ou até mesmo de vivência da Paisagem se expressam através de diferentes modelos estratégicos condizentes aos diferentes grupos que a ocupam (Ingold, 1993, p. 167, Fagundes et al., 2018, p. 2).

De todo modo é no tempo presente que olhamos para os sítios arqueológicos e seus remanescentes, como então compreender de melhor maneira as estruturas de uma paisagem já muito diferente daquela que se apresenta atualmente? Ao considerarmos que os humanos se reconhecem no mundo a partir das próprias ações e a paisagem percebida e vivenciada não se desliga de quem nela vive, somado ao fato de que as relações de ação precedem a reflexão da ação (Merleu-Pontu, 1999, p. 5) seria, talvez, necessário saber como era a paisagem em seu período de ocupação por determinados grupos, assim os dados Paleoambientais são um conjunto de informações preciosas ao entendimento da relação prática existente entre as pessoas e a paisagem em questão.

É o caso da hipótese levantada por Lucas Bueno e Andrei Isnardis (2018, p. 5), onde a variação climática marcada por um clima extremamente quente e seco com interrupções de períodos sazonalmente chuvosos das regiões da Serra da Capivara, do Vale do Peruaçu e da Bacia do rio São Francisco, construíram um ambiente rico em recursos, podendo estas áreas serem consideradas como locais de grande importância para logística e mobilidade. Estas características paisagísticas e ecológicas contribuíram para que estas áreas centrais do país fossem intensamente e continuamente ocupadas desde períodos mais recuados, 13.000 A.P. – 11.000 A.P.

No caso da Serra do Espinhaço Meridional, o clima mais ameno e com variações suaves, associado as feições geológicas e geomorfológicas da região, constituiu também uma área rica em recursos. Mesmo com uma gradual modificação no clima desde a Transição do Pleistoceno para o Holoceno até o Holoceno Superior, a região é rica em recursos minerais e de subsistência, sendo amplamente irrigada pelos córregos, rios e seus tributários.

As pesquisas arqueológicas realizadas na Serra do Espinhaço Meridional (no Planalto Diamantinense e em Serra Negra) continuam a ser realizadas pelo setor de arqueologia da UFMG e pelo LAEP, esperasse que com o passar do tempo mais dados sejam levantados e com isso mais informações sobre a história dos ocupantes originários da Serra do Espinhaço venham à tona.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, e ao professor Dr. Lucas de Melo Reis Bueno pela orientação no curso de Doutorado. Ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LAEP/UFVJM) na pessoa de seu coordenador o Dr. Marcelo Fagundes pela oportunidade de estudar os sítios arqueológicos e seus remanescentes culturais. Ademais, também gostaria de agradecer a todos que contribuíram e continuam a contribuir para o desenvolvimento destas pesquisas.

Referencias

- Alves, R. B. (2016). *Desenhos Entrelaçados: uma análise dos grafismos rupestres da Lapa do Caboclo de Diamantina – MG*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Ciências Humanas, Graduação em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Araujo, A.G. et al. (2003). Eventos de Seca e Suas Implicações no Povoamento Pré-Histórico do Brasil Central. In *Congresso Sobre Planejamento e Gestão das Zonas*

Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa; IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário; II Congresso dos Países de Língua Ibéricas. Recife. Obtido na http://www.abequa.org.br/trabalhos/projeto_25.pdf

Araujo, A. G. et al. (2005). Holocene dryness and human occupation in Brazil during the “Archaic Gap”. In *Quaternary Research*, 64, 298-307.

Araujo, A. G. (2005/2006). Human Occupation and Paleoenvironments in South America: expanding the notion of an “Archaic Gap. In *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 15 (16), 3-35.

Bachelard, G. O. (1994). *O Direto de Sonhar*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 4ª edição.

Barreto, C. et al. (2016). Lugares Persistentes e Identidades Distribuídas no Baixo Amazonas: complexos cerâmicos pré-coloniais de Monte Alegre, Pará. In *Revista de Arqueologia*. 29 (1), 55-85.

Binford, L. R. (1982). The Archaeology of Place. In *Journal of Anthropological Archaeology*. 1, 5-31.

Bueno, L. & Isnardis, A. (2018). Peopling Central Brazilian Plateau at the onset of the Holocene: building territorial histories. In *Quaternary International*, 144-160.

Collot, M. (2012). Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. Tradução de Denise Grimm. In: *Literatura e Paisagem em Diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, p. 11-29.

Chung, K. et al. (2018). Reconstituição Paleoambiental da Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste do Espinhaço Meridional (Minas Gerais), através da Análise de

- Fitólitos. In *Revista Brasileira de Geografia Física*. Obtido na <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/236068>.
- Fagundes, M. & Perillo Filho, Á. (2018). Conjunto Artefactual Lítico do Sítio Itanguá 02: Complexo Arqueológico Campo das Flores, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil – Cadeia Operatória e Distribuição Espacial. In *Revista Tarairíu*. 1 (14), 1-18. Obtido na <http://revista.uepb.edu.br/index.php/TARAIRIU/article/view/3900/2556>.
- Fagundes, M. et al (2014). A Área Arqueológica de Serra Negra: Alto Araçuaí, Minas Gerais – Implantação, Repertório Cultural e Análise Tecnológica. In *Revista de Arqueologia*. 27 (2), 100-124.
- Fagundes, M. (2015). Arqueologia e Paisagem das Terras Altas Mineiras: Serra do Espinhaço Meridional. Baeta, A. & Piló, H. In *Morro do Pilar, Carta Arqueológica*, 1-36.
- Fagundes, M. et al. (2018). *Paisagens e Lugares – Caracterização geoambiental dos sítios arqueológicos do complexo Três Fronteiras, Alto Vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais*. Obtido na <https://pt.scribd.com/document/383286448/Fagundes-Marcelo-Paisagens-e-Lugares>
- Fagundes, M. et al. (2018b). Paisagens e Lugares: considerações sobre a arte rupestre do Sítio Sampaio, Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais: uma análise interpretativa. In *Revista Caderno de Geografia*. 28 (54), 746-768.
- Fagundes, M. et al., (2019). As Estruturas Arqueológicas em Cerro Ventarrón – marcos sociogeográficos, lugares e paisagens durante o formativo Inicial, Lambayeque, Peru. In *Revista Espinhaço*. vol. 8 (2), 13 - 24.

- Fagundes, M. et al. (2017). O Sítio Arqueológico Sampaio, Alto Vale do Araçuaí, Felício dos Santos, Minas Gerais: paisagem, cronologia, e repertório cultural para compreensão das ocupações humanas antigas no Espinhaço Meridional. In *Revista Espinhaço*. 6 (2), 65-76.
- Fagundes, M. (2009). O Conceito de Lugares Persistentes em Arqueologia – os Lugares Persistentes. In *Revista Holos*. 9 (2), 301-315.
- Fagundes, M. (2013). O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha (PAAJ) e a Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Araçuaí, Minas Gerais – Aspectos Gerais. In *Revista Espinhaço*. 2 (2), 68-95.
- Fagundes, M. (2016). O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – sítios arqueológicos, cultura material e cronologias para compreensão das ocupações indígenas holocênicas no Alto Vale do rio Araçuaí, Minas Gerais – Brasil. In *Revista Científica Vozes dos Vales*. 10 (V), 1-25.
- Fagundes, M. (2016b). Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste da Serra do Espinhaço. In *Relatório Final*. vol. V. Processo IPHAN 01514.007699/2012-53.
- Fagundes, M. (2020). Relações Socioambientais da Borda Leste do Espinhaço: paleoambiente e Arqueologia – Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil, Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – PAAJ. In *Relatório Final de Pesquisa Acadêmica – Bolsa Produtividade*. Processo n. 311235/2016-6.
- Galhardo, D. A. (2019). *Lugares do Passado: abordagens geográficas e arqueológicas para o estudo de sítios pré-históricos no noroeste paulista*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. São Paulo.

- Galvão, L. G. (2018). *Estudo do Conjunto Lítico do Sítio Arqueológico Sampaio, Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais*. (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Diamantina (MG).
- Gambassi Júnior, R. (2018). *Rabiscos na Paisagem: um estudo dos grafismos rupestres do sítio Cabeças 04, Felício dos Santos, Alto Jequitinhonha, MG*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Ufvjm.
- Greco, W. S. (2019). *Espelho de Pedra: a estrutura emergente da arte rupestre nas Matas do Alto Araçuaí, Felício dos Santos, MG*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina, MG.
- Greco, W. S. (2017). *Estilo e Paisagem: Os conjuntos rupestres do sítio Sampaio, Felício dos Santos, Vale do Araçuaí, Alto Jequitinhonha, MG*. Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado a Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (FIH/UFVJM).
- Hórak-Terra, I. (2014). *Late Pleistocene-Holocene environmental change in Serra do Espinhaço Meridional (Minas Gerais state, Brazil) reconstructed using a multi-proxy characterization of peat cores from mountain tropical mires*. 134p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Solos e Nutrição de Plantas, Universidade de São Paulo.
- Hórak-Terra, I. et al. (2015). Holocene climate change in central-eastern Brazil reconstructed using pollen and geochemical records of Pau de Fruta mire (Serra

- do Espinhaço Meridional, Minas Gerais). In *Palaeo geography, Palaeo climatology, Palaeo ecology*. vol. 437, 117-131.
- Ingold, T. (2019). *Antropologia: para que serve?* Petrópolis – RJ. Editora Vozes.
- Ingold, T. (2002). *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London/New York: Routledge, Taylor & Francis e-Library.
- Ingold, Tim. (1993). The Temporality of the Landscape. In *World Archaeology*. 25 (2),152-174.
- Isnardis, A. (2017). Na Sombra das Grandes Pedras: as indústrias líticas das ocupações pré-coloniais recentes da região de Diamantina, Minas Gerais, Brasil. In *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Vol. 12 (03), 895-918.
- Isnardis, A. (2013). Pedras na areia. As indústrias líticas e o contexto horticultor do Holoceno Superior na região de Diamantina, Minas Gerais. In *Revista Espinhaço*. vol 02, n. 02, 54-67.
- Isnardis, A. (2009). *Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Leite, V. A. (2016). *Flores e Pinturas na Paisagem: Análise Espacial e Intra-sítio em Campo das Flores*. Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, BH.
- Linke, V. (2008). *Paisagem dos Sítios de Pintura Rupestre da Região de Diamantina – MG*. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG.

- Linke, V. et al., (2020). Do Fazer a Arte Rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis gráficos rupestres de Minas Gerais, Brasil. In *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. vol. 15 (1), 1-24.
- Merleau Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Perillo Filho, Á. (2016). *Análise lítica e dispersão espacial dos materiais arqueológicos do Sítio Itanguá 02, Vale do Jequitinhonha – MG*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia. Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas - RS. Obtido na <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3184>.
- Santos-Granero, F. (2005). Writing History into the Landscape: Yanesha notions of space and Territoriality. In *The Land Within: Indigenous Territory and the Perception of Environment*. Surrallés, Alexandre & Hierro, Pedro García (Eds.). Copenhagen: Obter na <https://leiaufsc.files.wordpress.com/2015/03/santos-granero-2005.pdf>
- Shock, M. & Moraes, C. P. (2019). A Floresta é o Domus: a importância das evidências arqueobotânicas e arqueológicas das ocupações humanas amazônicas na transição Pleistoceno/Holoceno. In *Boletim da Revista do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém – PA, Edit: Museu Paraense Emílio Goeldi. vol. 14 (2), 263-289.
- Silva, L. A. (2017). *O Holoceno Médio na Serra Negra: Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas – RS.

Solari, A, Isnardis, A & Linke, V. (2012). Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapado Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). In *Habitus*. vol. 10 (número 1), 115-134.

Vasconcelos, A. M. C. et al., (2018). Sítio Arqueológico Três Fronteiras n. 7: um abrigo do holoceno médio no Alto Araçuaí, Minas Gerais. In *Clio*. vol. 33 (3), 14-59.

